

IR, VIR E VOLTAR. NOVAS CONEXÕES. OUTROS BRUTALISMOS.

Guilah Naslavsky

UFPE/MDU/ Av.dos Reitores, s/n, Cidade Universitária, Recife/PE, 50741-530, Brasil

guilahn@uol.com.br

Adriana Freire

Universidade Paris 1 - Panthéon-Sorbonne/ 28 rue George Sand, 69100 Villeurbanne, France

adriana_freire@hotmail.com

Mariana Morais

UFPE/PIBIC/UFPE/Av.dos Reitores, s/n, Cidade Universitária, Recife/PE, 50741-530, Brasil

mariana.obm@gmail.com

RESUMO

A historiografia da arquitetura moderna em Pernambuco tem constantemente sido alvo de revisões. Naslavsky (2004) afirma a ocorrência de características semelhantes às obras identificadas por Reyner Banham como brutalistas que podem ser observadas na produção pernambucana entre 1960-1972 muito embora não entre no mérito da discussão sobre o termo, restringindo a apontar recortes e pontos de inflexão quando da adoção de características do brutalismo internacional. Amaral (2004) evidencia a ocorrência de um código estruturalista na obra de Borsoi, considerando essa fase como a mais expressiva da carreira do arquiteto. Cantalice II (2009), afirma a ocorrência de um brutalismo suave nas obras da arquitetura moderna em Pernambuco, fruto de uma nova sensibilidade superficial e estilística, cujos traços estariam presentes na arquitetura pernambucana entre 1965-1980. Tentando aprofundar a temática proposta pelo seminário sobre as conexões brutalistas entre 1955-1975, pretende-se avaliar a contribuição da geração de arquitetos recém-chegada de Brasília para a arquitetura Pernambucana.

No momento em que é erguida a nova capital, tornando-se o novo centro difusor da arquitetura moderna brasileira (Marques, 2003), e a UnB passa a representar *“a esperança de um novo tempo”* (Santana, 2002), um grupo de jovens arquitetos (Glauco Campello, Geraldo Santana e Armando de Holanda) já se encontravam bastante envolvidos com o movimento da nova vanguarda. Assim, no final dos anos 60, esses arquitetos se estabeleceriam em Recife, ocupando postos de professores na escola de arquitetura local, trazendo inovações provenientes tanto do contato direto com os arquitetos então atuantes em Brasília, quanto de suas respectivas experiências e influências internacionais.

As investigações de Armando de Holanda apontam para uma possível conexão com o estruturalismo holandês e seus questionamentos indicam uma preocupação quanto aos métodos construtivos e suas possibilidades de combinações: *“o trabalho de simplificação, racionalização e coordenação modular a fazer é imenso, pré-requisito para a adoção de qualquer processo de construção mais avançado”* (Holanda, 1966). Recém-chegado de uma experiência internacional, após o Curso de Especialização em Protótipos, no Bowcentrum em Roterdã, Holanda (1967), o seu interesse pela industrialização da construção parece orientar o desenvolvimento de seus projetos.

Geraldo Santana visita pessoalmente o escritório de Louis Kahn na Filadélfia. É possível que contatos como esse tenham podido estabelecer aproximações entre a arquitetura norte americana e a produção pernambucana. Embora esse momento tenha sido drasticamente interrompido com o início da repressão advinda após o golpe e várias experiências tenham sido interrompidas, alguns projetos desse período testemunham essa possível relação.

Experiências de projeto utilizando conceitos de mega estruturas, pré-fabricação, além do emprego de processos construtivos que refletem uma arquitetura de sistemas, à exemplo de novas técnicas construtivas com argamassa armada, sistemas mistos de concreto ou cerâmica armada com estruturas em madeira, são algumas das soluções desenvolvidas nessa época em Pernambuco.

Desse modo, constatamos que os anos de 1967-1975 foram riquíssimos em novas experiências construtivas. Com esse texto pretendemos avaliar os processos e alcances dessas possíveis conexões, tanto a nível nacional quanto a nível internacional, visando identificar as similaridades e diferenças encontradas na produção desse período e entender os seus desafios.

Palavras-chave: Módulo. Combinações. Sistemas.

ABSTRACT

The historiography of modern architecture in Pernambuco has constantly been revised. Naslavsky (2004) states that similar characteristics with the buildings identified by Reyner Banham as Brutalists can be observed in the production of Pernambuco from 1960 to 1972 although do not discuss about the merits of the argument about the use of the term, restricting to highlight clippings and inflection points when the adoption of international characteristics of Brutalism. Amaral (2004) shows the occurrence of structuralism code to the Borsoi's work, considering this as the most significant phase on architect's career. Cantalice II (2009), states the occurrence of a soft brutalism in modern architecture in Pernambuco, resulted of a new sensibility and superficial stylistic traits which would be present in the Pernambuco architecture from 1965 to 1980. Trying to deepen the theme proposed by the seminar on the brutslit connections from 1955-1975, aims to assess the new architects generation contribution newcomer from Brasilia to Pernambuco.

At the moment the new capital was raised, becoming the new center of modern Brazilian architecture diffuser (Marques, 2003), and UNB now represents "the hope of a new era" (Santana, 2002), the young group of architects (Glauco Campello, Geraldo Santana, and Armando Holanda) were already heavily involved with the movement of the new vanguard. Thus, in the late '60s, these architects would establish themselves in Recife, occupying posts of teachers in the school of architecture site, bringing innovations from both direct contact with architects then working at Brasilia, as their respective experiences and international influences.

The new experiences initiated by Armando de Holanda point to a possible connection with dutch structuralisms. Fresh from an international experience after the Specialization Course Prototypes in Bowcentrum in Rotterdam, Netherlands (1967), which develops research prototypes, their interest in the industrialization of construction seems to guide their projects development, "work simplification, rationalization and modular coordination to do is immense, a prerequisite for the adoption of any process of building more advanced "(Holanda, 1966).

Geraldo Santana personally visited the Louis Kahn's office in Philadelphia. It is possible that such contacts have been able to establish links between North American architecture. Although this time has been drastically interrupted with the onset of repression arising after the coup and several experiments have been discontinued, some designs of this period testify this possible relationship.

Project experiences using concepts of mega structures, master plan, besides the use of constructive processes that reflect a systems architecture, for example of new construction techniques with mortar, mixed systems of concrete or ceramic armed with wooden structures are some of the solutions developed at that time in Pernambuco.

Thus, we find that the years 1967-1975 were very rich in new experiences constructive. With this text we intend to evaluate the processes and scope of these possible connections, both nationally and internationally, to identify the similarities and differences found in this restricted universe of projects and understand their challenges.

Keywords: Module. Combinations. Systems.

IR, VIR E VOLTAR. NOVAS CONEXÕES, OUTROS BRUTALISMOS

INTRODUÇÃO

A historiografia da arquitetura moderna em Pernambuco tem constantemente sido alvo de revisões. Ainda que alguns autores insistam na relação direta da arquitetura moderna pernambucana com o movimento internacional, desde os primeiros exemplares do arquiteto Luiz Nunes, frequentemente abordados como uma aproximação à arquitetura alemã e aos princípios de composição da obra de Le Corbusier (Bruand, 1981; Vaz, 1989; Marques e Naslavsky, 2007) e, mais recentemente, comparados às obras de Frank Lloyd Wright e dos irmãos André, impulsionados pela utilização do bloco cimento (Freire e Bauer, 2009), passando pelos projetos de Mario Russo e suas interlocuções com a arquitetura italiana (Cabral, 2003), até as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim e suas buscas por novas referências nas correntes revisionistas internacionais (Naslavsky, 2004), outros historiadores defendem a existência de centros difusores, o Carioca e o Paulista, admitindo que essa produção teria sido manifestações de outras modernidades, periféricas, decorrentes da atuação de arquitetos “peregrinos, nômades e migrantes” (Segawa, 1998).

Nessa linha de pensamento, poderíamos inserir a compreensão do brutalismo no Brasil via a “Escola Paulista Brutalista” (Zein, 2006). Embora essa não tenha sido a intenção da autora, defendendo, a priori, uma visão pluralista da arquitetura brasileira do século XX e reconhecendo o jogo permanente de trocas e intercâmbios, torna-se inevitável que, ao se destacar a relevância de um caráter formalmente identificável como paulista, a noção de brutalismo paulista venha a definir a presença dessa estética no país, em projetos datados entre as décadas de 1950 e 1970, conduzindo estudos recentes à desvios de interpretações. Amaral (2004), identificando diferentes tipologias na obra de Borsoi, evita a utilização do termo brutalista, reconhecendo e classificando, a fase mais rica da obra do arquiteto, como estruturalista. Cantalice II (2009), procurando demonstrar as repercussões da arquitetura brutalista em Pernambuco entre 1965 à 1980, pelo viés da “Escola Paulista” e pela influência da arquitetura internacional, afirma ter existido um “brutalismo suave” em Pernambuco, fruto de uma certa “sensibilidade” que teria permitido os arquitetos locais assimilarem alguns artifícios dessa estética, limitando o debate à questões como adaptação e nuances construtivos.

Diante dessas constatações, torna-se necessário pontuar alguns fatos, ocorridos nas décadas de 1960 e 1970, tanto à nível nacional quanto à nível internacional, visitando a obra de três arquitetos (Glauco Campello, Geraldo Santana e Armando Holanda) então atuantes em Pernambuco. Seguindo a trajetória profissional de cada um desses arquitetos, com o objetivo de analisar algumas de suas realizações, distanciando-se de ideias pré-estabelecidas, pretendemos

compreender o real alcance de seus questionamentos, o que os embalavam e motivavam. Para isso é preciso rever o momento histórico em que se encontravam.

IR

Os três arquitetos seguiram o ensino da Escola de Arquitetura do Recife, passando, igualmente, pela experiência da recém-inaugurada UnB (1962).

Glauco Campello, tendo trabalhado com Oscar Niemeyer no Rio de Janeiro, na sede da NOVACAP, quando ainda era estudante, segue para Brasília em 1962 à convite de Niemeyer, atuando nos projetos para Brasília e também como professor de Projeto nos cursos de graduação e pós-graduação da UnB. Geraldo Santana, a vontade de trabalhar em Brasília apresenta-se desde cedo. Ainda como estudante na Escola de Arquitetura do Recife, teve a chance de visitar Brasília, aproximadamente dois meses antes de sua inauguração, com um grupo de alunos, acompanhado pelo professor Heitor Maia Neto, em viagem patrocinada pela Universidade. Nessa mesma ocasião, com passagem programada pelo Rio de Janeiro, visita os escritórios da NOVACAP.

A construção da nova capital, tornando-se tema de concurso internacional, despertara o interesse e a atração dos estudantes, exercendo o papel que antes era exercido pelo Rio de Janeiro. Entre os estudantes, já não existia uma necessidade de estudar na ENBA do Rio de Janeiro, uma vez que os cursos nas Escolas de Belas Artes haviam se modernizado, desde meados da década de 50 e a arquitetura carioca já não exercia o poder de atração que exercera nos anos 50.

Segundo Joaquim Cardozo, *“uma das inovações que caracteriza a procura da atual capitalidade brasileira é a Universidade de Brasília, moldada nos mais modernos preceitos educacionais;... a Universidade de Brasília começa a oferecer aos jovens de todo o país uma visão nova, uma compreensão mais firme, mais elaborada da ordenação dos conhecimentos”*. Recrutando alunos nas escolas de arquitetura para a pós-graduação de Brasília, Edgard Graeff em passagem pelo Recife, seleciona Santana, indicado por seus professores Evaldo Coutinho, Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim. Assim, recém-formado, Geraldo Santana vai para Brasília, iniciando o curso de pós-graduação na UnB em fevereiro de 1963.

O seu curso consistia em estágios docentes como instrutor auxiliar nas disciplinas de graduação (Teoria da Arquitetura com Edgard Graeff, História da Arte com Lygia Martins Costa, Projeto com Glauco Campello, e Técnicas Construtivas com João Filgueiras), estágio no CEPLAN e na elaboração da dissertação. Para conquistar o título de Mestre em Arquitetura, Geraldo Santana apresenta uma tese-projeto com o tema: “Centro de Educação Elementar: anteprojeto das escolas de uma área de vizinhança de Brasília”. Essa tese foi parte de um projeto integrado ao Plano Urbanístico das quatro superquadras, com seus equipamentos e paisagismo, na Unidade de Vizinhança São Miguel (SANTANA, 2013).

No ano seguinte, Armando Holanda vai para Brasília, ingressando no mesmo curso de pós-graduação na UnB, mas os desdobramentos políticos da capital iriam mudar definitivamente a trajetória desses arquitetos.

O advento da construção de Brasília, somado a crescente industrialização e urbanização do país significou para os arquitetos grandes possibilidades de atuação e emancipação definitiva da arquitetura brasileira, uma vez que o próprio símbolo deste novo Brasil era a arquitetura, coroada em Brasília. A tríade de arquitetos pernambucanos – Armando de Holanda, Glauco Campello e Geraldo Santana – egressos dos cursos de pós-graduação da UnB quando do Golpe Militar de 1964, favoreceram uma aproximação mais íntima com Brasília, estabelecendo, igualmente, relações com a arquitetura internacional; e encontraram no Nordeste um terreno fértil para suas práticas profissionais, onde foram atraídos por programas governamentais voltados para o desenvolvimento urbano, a industrialização, a habitação popular, o patrimônio, a conservação, a restauração, entre outros.

Esses jovens são os que melhor expressaram as preocupações técnicas e construtivas difundidas em Brasília e, portanto as ideias de vanguarda no contexto local (MARQUES, 2003): trouxeram ideias novas derivadas das iniciativas elaboradas em Brasília, e das experiências internacionais: E Armando vai para a Holanda fazer um Curso de Especialização em Protótipos, no *International Course on Building* no Bouwcentrum em Roterdã (1967), onde desenvolve pesquisa sobre protótipos publicada no mesmo ano (SILVA, dez/jan,1997), após esse curso atua em Pernambuco faz projetos importantíssimos como o parque dos Guararapes, e vem a falecer precocemente em 1979; Glauco Campello, estava no Rio de Janeiro, conhece Niemeyer trabalha na Novacap no Rio de Janeiro e surge a oportunidade de trabalhar em Brasília, posteriormente atua em Pernambuco com Holanda e posteriormente é convidado por Oscar Niemeyer para ir à Itália, onde desenvolve obras do ilustre arquiteto, torna-se responsável pelo desenvolvimento da sede da Editora Mondadori, em Milão, Itália. Dos três arquitetos, Geraldo Santana foi o que atuou durante mais tempo – cerca de quatro décadas – em Pernambuco; e operou nas mais diversas esferas da arquitetura e urbanismo, colaborando para seu desenvolvimento e crescimento.

Esses arquitetos desenvolveram experiências diretamente relacionadas com o brutalismo internacional, sobretudo aquelas desenvolvidas pelos holandeses - no caso de Armando; módulos repetidos - como é o caso das experiências desenvolvidas pelo Team X, sobretudo aquelas que avaliavam o espaço exterior de convivência e transição. Nesse texto avaliaremos algumas experiências com módulos repetidos que carregam preceitos do brutalismo internacional e que reflitam as conexões brutalistas na arquitetura Pernambucana no trabalho dessa nova geração.

MILAGRE ECONÔMICO EM PERNAMBUCO

A economia da região Nordeste pós-Segunda Guerra Mundial (1945), “participava com apenas 11% do produto interno bruto do País contra uma média de 30% em 1939. Este indicador revelava claramente que a região retraiu-se, economicamente, agravando, ainda mais, a sua situação de pobreza” (CALDAS, 2010). Foi somente com a criação, por iniciativa do governo de Juscelino Kubitschek, em 8 de janeiro de 1960, da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE –, com sede implantada em Recife, a qual visava aproximar diferentes territórios da região através do desenvolvimento de vários setores produtivos, que a industrialização e economia do Nordeste começaram a alavancar. (CALDAS, 2010).

Nesta década também pode se observar o surgimento de empreendimentos imobiliários como atividade econômica lucrativa para proprietários e empresários de imóveis interessados no mercado da locação, o ideal de habitação da classe média passa de moradia individual e isolada para habitação coletiva e vertical “*com a lenta superação de antigos preconceitos sociais que relacionam coabitação a arremedo social*”. (AMORIM, 2003).

A década de 1960, que se iniciou com altas expectativas culturais, sociais, econômicas e políticas condensadas na construção da nova Capital Federal, terminou totalmente diferente: a inauguração de Brasília foi seguida pelo Golpe de 1964 que resultou em um desenvolvimento muito diferente do previsto, acarretando consequências para o modo de produzir arquitetura, frustrando expectativas. A repressão imposta pelo regime ditatorial de 64 sobre a imprensa especializada em arquitetura e sobre as universidades de todo o país trouxe severas consequências também para o modo de pensar e produzir a nossa arquitetura: cassação de professores, desmantelamento da experiência da UnB; e, a partir de 1968, o súbito aumento das escolas de arquitetura. Nossa produção nacional não era mais difundida, não havia mais o interesse internacional (BASTOS, 2003).

Dentre os prejudicados com o desmantelamento da UnB, havia três jovens, dois deles pernambucanos e um paraibano, que retornariam a Pernambuco e configurariam alguns dos nomes dessa nova geração, à luz dos mestres da “Escola Pernambucana”, Delfim Amorim e Acácio Gil Borsoi, e de Brasília, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa: os arquitetos Geraldo Santana, Armando de Holanda e Glauco Campello – “*esses jovens são os que melhor expressaram as preocupações técnicas e construtivas difundidas em Brasília*” (MARQUES, 2003, apud in NASLAVSKY, 2004).

Embora a Ditadura tenha prejudicado o ensino de arquitetura nas universidades, essa tríade encontrou no Nordeste um fértil terreno para suas práticas profissionais. Com a criação de órgãos como o BNH, a SUDENE, o SERFHAU, o CNDU, a EMBRATUR, a FIDEM, a CONDEPE, a EMTU, a COHAB, a FUNDARPE, entre outros, os arquitetos puderam atuar diretamente no desenvolvimento do estado, seja como funcionários públicos, profissionais autônomos ou

consultores de empresas e escritórios de projetos, especificamente criados para estes mesmos objetivos (SANTANA, 2002).

A década de 70 se caracterizou como o período de maior crescimento urbano da história do país, devido à preocupação pela implantação de políticas urbanas voltadas principalmente para a expansão metropolitana, que foi proporcionada, entre outros motivos, pelo milagre econômico brasileiro e pelo maior interesse por parte de arquitetos e urbanistas no cenário internacional, pelos temas voltados à questão urbana, de projetos de requalificação, devido à crise do petróleo (1973). As periferias dos municípios da Região Metropolitana do Recife presenciaram a construção de vários conjuntos habitacionais levantados por uma política de edificação sob a égide do BNH. Além do surgimento de conjuntos habitacionais, o crescimento urbano na RMR também foi marcado pela construção de grandes equipamentos comunitários como o Shopping Center Recife, o Centro de Convenções, em Olinda, e o Terminal Integrado de Passageiros, em Jaboatão (MARQUES & NASLAVSKY, 2004); pela criação da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, em 1973, a qual visava o incentivo à cultura, a preservação dos monumentos históricos e artísticos de Pernambuco; a criação, em 1976, do Centro de Estudos de História Municipal, dentro da estrutura organizacional da Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco – FIAM; entre outros. Ainda, no final da década de 70, a FIDEM criou o Plano de Preservação dos Sítios Históricos (1978); e já na década de 80, a FIAM fez o Plano de Preservação dos Sítios Históricos do Interior (1982).

Na esfera internacional, muitos países desenvolvidos entraram em um período de grande expansão econômica e tecnológica, impulsionando o desenvolvimento de revolucionários meios de transporte e de comunicação. A recuperação do espírito pioneiro das vanguardas do início do século, associado aos avanços tecnológicos (novas possibilidades do cálculo, produção de estruturas arquitetônicas, entre outros), promoveu um período de prosperidade, de desenvolvimento e crescimento nos países capitalistas. Surgiu então nessas sociedades uma nova cultura de massas. Muitos arquitetos passaram a ver a arquitetura tradicional como um “grande artefato obsoleto” e acreditavam que era urgente uma “transformação total da disciplina arquitetônica” (DA SILVA, 2004). Proliferaram-se, então, as propostas utópicas de arquiteturas, a arquitetura sobre o mar e o espaço cósmico, a arquitetura brutalista, as megaestruturas.

Em Pernambuco, na década de 70, nota-se tendências do brutalismo internacional através de elementos estruturais e construtivos, *"como pode ser observado nas vigorosas estruturas de concreto para os supermercados, Bompreço, em particular o do Parque Amorim, projeto de Amorim"* (MARQUES & NASLAVSKY, 2004).

EXPERIÊNCIAS EM BRASÍLIA

A construção da nova capital, Brasília, alvo de concurso internacional, naquele momento despertara o interesse e a atração dos estudantes, exercendo o papel que dantes era exercido pelo Rio de Janeiro, assim dentre os estudantes já não havia uma necessidade de estudar na ENBA do Rio de Janeiro, uma vez que os cursos nas Escolas de Belas Artes haviam se modernizado, a arquitetura carioca já não exercia o poder de atração dos anos 50.

Geraldo Santana teve a chance de visitar Brasília (aproximadamente 2 meses antes de sua inauguração), junto ao professor Heitor Maia Neto, Jório Cruz, Zenildo Caldas, Moisés Andrade e João Borba, em viagem patrocinada pela Universidade, com passagem pelo Rio de Janeiro para visitar os escritórios da Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP.

Para Geraldo Santana (1962), por ocasião do discurso de colação de grau: *“Não ha integração interna nos cursos atualmente ministrados. As cadeiras de tecnologia não estudam novas técnicas, não se atualizam, não pesquisam padrões, níveis e índices mínimos aceitáveis para o Brasil, não estudam novos materiais, nem também as possibilidades de industrialização de elementos simples para a construção.”* (Discurso do arquiteto na colação de grau do curso de Arquitetura 20.12.1962.) Ao fim de sua graduação, Santana foi indicado por seus professores Evaldo Coutinho, Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim ao professor Edgard Graeff, o qual estava percorrendo escolas de arquitetura de todo o Brasil recrutando alunos para fazer mestrado na recém fundada UnB (1962).

Seu curso de pós-graduação em Brasília, iniciado em Fevereiro de 1963, consistia em estágios docentes no curso de graduação, como instrutor auxiliar nas disciplinas do curso de graduação (Teoria da Arquitetura com Edgard Graeff, História da Arte com Lygia Martins Costa, Projeto com Glauco Campello, e Técnicas Construtivas com João Filgueiras), estágio no CEPLAN, e na elaboração da dissertação, que a chamou de *“Tese-Projeto: Centro de Educação Elementar – Anteprojeto das Escolas de uma Unidade de Vizinhança [Vizinhança São Miguel] em Brasília”*. Essa tese que teve parecer de Joaquim Cardozo (1965): *“Uma das inovações que caracteriza a procura da atual capital brasileira é a Universidade de Brasília, moldada nos mais modernos preceitos educacionais;... a Universidade de Brasília começa a oferecer aos jovens de todo o país uma visão nova, uma compreensão mais firme, mais elaborada da ordenação dos conhecimentos”* foi parte de um projeto integrado ao Plano Urbanístico das quatro superquadras e mais os equipamentos e o Paisagismo (SANTANA, 2013).

Já em 1963, foi incluído na delegação da UnB para o VII Congresso Internacional de Arquitetos, integrando o I Encontro Internacional de Professores e Estudantes de Arquitetura promovidos pela União Internacional de Arquitetos em Havana, cujo tema principal fora *“a arquitetura e o subdesenvolvimento, aproximando os países latino-americanos do bloco socialista, que neste momento investia pesadamente em habitação”*. (SOUZA, 2008).

VIR

Em 1964, após o golpe, devido às transformações que estão ocorrendo, os jovens tomam caminhos distintos, buscam novas experiências. Viagens, contatos com o exterior, cursos, o vir não é o lugar fixo, mas a rede de conexões que se coloca e que enriquece as suas experiências. Devido as contingências do período Geraldo Santana vai para Porto Rico participar do congresso internacional na delegação representando do Brasil, inclusive com a missão de apresentar a publicação do livro de premiação do IAB de 1969 com publicação bilíngue (português-inglês). Participa em Congressos internacionais (em Havana, Cuba, San Juan, Porto Rico; entre outros) e na viagem para os Estados Unidos onde visitou as obras de renomados arquitetos. Nessa mesma ocasião visita Nova York, New Haven e a Filadélfia, quando tem contato com a arquitetura americana e especificamente uma visita ao escritório do arquiteto Louis Kahn.

VOLTAR

Após ter sua tentativa de bolsa de estudos para se especializar na França, em “*Tecnologia de Pré-fabricação na Obra*” frustrada pelo Golpe Militar de 1964, Santana retornou ao Recife quando da conclusão de seu mestrado e ingressou, em 1966, na então Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife como professor voluntário das disciplinas Grandes Composições de Arquitetura – dirigida por Acácio Gil Borsoi – ao lado de Vital Pessoa de Mello e Glauco Campello, logo sendo contratado e passando a compor o corpo docente ao lado dos seus antigos colegas de curso Armando de Holanda, Zildo Caldas, José Fernando Carvalho, Wandenkolk Tinoco, Geraldo Gomes, Moisés Andrade, Mônica Raposo, entre outros. Também voltou a frequentar o escritório de Delfim Amorim, até 1967, trabalhando em detalhamentos de projetos.

Geraldo teve diretamente envolvido com o Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento de Pernambuco. Ao lado de Zildo Caldas, Waldecy Pinto e José Fernando Carvalho, integrou-se como secretário da Diretoria do biênio 1968/69, tornando-se em seguida Presidente do Instituto, no período de 1970 e 1971. Em 1969, o IAB – PE organizou a “Premiação de 1969”, que virou um livro e uma exposição. De acordo com AMORIM, 2003, esse foi um dos mais importantes eventos para a valorização e reconhecimento da atuação dos arquitetos no estado, sendo seu livro uma síntese da arquitetura dos anos 60. Nessa publicação, Armando de Holanda está presente com o Monumento Rodoviário na BR-122, próximo a Petrolina. Ainda participam trabalhos de Frank Svenson, Heitor Maia Neto, Delfim Amorim, Reginaldo Esteves, Maurício Castro, Moisés e Mônica Andrade Acácio Gil Borsoi, Vital Pessoa de Melo, Janete Costa, entre outros.

O produto da premiação foi adotado pela Direção Nacional do IAB para integrar a mostra brasileira do Congresso de San Juan – Porto Rico em 1970. Já como presidente do Instituto, foi incluído na Delegação do IAB para o Congresso com o objetivo de apresentar e distribuir tais materiais em

palestras sobre o Brasil: “*foram distribuídos 300 exemplares no Congresso e ainda levei alguns pra Nova York*”.

Após o Congresso, por recomendação do professor Borsoi, viajou aos Estados Unidos, passando pelas cidades de Nova York, New Haven e Filadélfia, quando visitou, “*em uma semana, suas mais importantes obras de arquitetura: Mies Van Der Rohe, Frank Lloyd Wright, Walter Gropius, Philip Johnson, Paul Rudolph, Eero Saarinen, Louis Kahn...*” e ainda o escritório deste último, para onde levou também um exemplar do livro da Premiação.

Os programas governamentais voltados para o desenvolvimento urbano atraíram a força de trabalho dos arquitetos, nas décadas de 1960 e 1970. E foi para atender as demandas da Prefeitura do Recife, através de financiamentos do SERFHAU, que Santana fundou, em 1966, em sociedade com Moisés Andrade e José Fernando de Carvalho, o Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura LTDA (atuante até 1975) para fazer planos locais – PDLI. Um pouco antes de encerrar as atividades do Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura LTDA (em 1975).

COMBINAÇÃO DE MÓDULOS E CRESCIMENTO CONTÍNUO COMO ESTRATÉGIA PROJETUAL

Novas experiências foram utilizadas nas obras fruto dos contatos nacionais e internacionais: sobretudo do estruturalismo holandês, cuja ênfase dada à busca de espaços multifuncionais que rompessem com a oposição entre interior e exterior. Entre as estratégias projetuais: a planta coincide com a retícula quadrada, cada unidade abriga um ambiente, forma final do edifício se expande, em algumas direções e se retrai em outras, formando espaços abertos e fechados no seu perímetro, Internamente alguns quadrados abrem-se para o exterior (Barone, 2002).

As discussões do Team X estimularam a criação de espaços de convívio coletivos nos conjuntos habitacionais de melhor convívio, espaços públicos ou semi públicos que integrassem espaços imediatamente exteriores e intermediários entre a casa e a rua, interior e exterior, daí os largos corredores que criam área de convívios dos conjuntos ingleses.

O grande pilotis do BV libera o solo foi uma tentativa de criar áreas de convívio através da previsão de plataformas flutuantes nunca construídas, tinha como anseio criar uma conexão com a cidade, uma integração com o espaço público que contemplasse a dimensão urbana do projeto deixando o espaço urbano fluído no pilotis, um projeto de cidade que reflete as ideias de Le Corbusier para Marselha, da megaestrutura urbana, e que apresentasse diferentes soluções de habitat (torres verticais e barras horizontais) e expressasse a ideia de crescimento contínuo, mobilidade.

Essa estratégia de projeto pode ser verificada guardada as devidas proporções no projeto do Parque Guararapes, sobretudo nas cobertas em concreto moldadas em formas de fibra de vidro

repetidas segundo formas.

Tanto no Parque Guararapes quanto na Escola-Parque de Geraldo em Brasília com elementos pré-moldados de coberta (1965) com módulo quadrado e possibilidades combinatórias, anterior ao projeto de Armando das cascas, os módulos parecem poder se multiplicar sem fim, seguindo o princípio do crescimento contínuo, ou como dizem os franceses, arquitetura proliferante a exemplo dos desenvolvidos pelo Team X e holandeses contemporâneos.

A atuação de Santana e do Grupo de Planejamento Físico e Arquitetura LTDA não se restringiu somente ao campo do urbanismo. Com os incentivos da SUDENE à construção de edifícios industriais, muitas empresas se instalaram da Região Metropolitana do Recife, o que demandou grande quantidade de projetos aos arquitetos locais (CALDAS, 2010). Além das solicitações de projetos fabris, com os incentivos da SUDENE chegaram ao Grupo demandas de inúmeros incorporadores de projetos de edifícios de habitação coletiva e comerciais financiados pelo Banco Nacional de Habitação – BNH, e pelo Banorte. Dentre os incorporadores, a Usina Cerâmica do Cordeiro e o Grupo LUME construíram as obras mais representativas desse escritório: Conjunto Residencial Parnamirim, Edifício comercial Novo Recife, Edifício Olimpíadas, Edifício Marquês do Recife (esses dois últimos premiados pela I Bienal de Arquitetura, 1973), o Parque Residencial da Boa Vista entre outros.

Localizado no bairro da Boa Vista, uma das principais centralidades do Recife, na Avenida Manoel Borba, com esquinas para as ruas Dom Bosco e Gonçalves Maia, o Parque Residencial da Boa Vista carrega em sua concepção a junção dos conceitos de brutalismo e megaestrutura, tão caros à época. O conceito de megaestrutura, surgido no segundo pós-guerra, em resposta ao grande desenvolvimento das atividades terciárias e em recusa à metodologia racionalista de zoneamento da Carta de Atenas, caracteriza os projetos que fazem o intermédio entre as escalas arquitetônica e urbanística da cidade, favorecendo a tecnologia e os grandes dimensionamentos, em detrimento dos elementos arquitetônicos de escala tradicional: arquitetura como cultura de massa, art pop.

Encomendado pela Incorporadora Lynaldo Uchôa de Medeiros (Grupo LUME) com financiamento do BNH e construído pela Construtora Christiani Nielsen, essa megaestrutura teve sua construção, financiamento e comercialização em crise entre 1970 e 1972, passando por várias alterações no decorrer de sua elaboração, em parte devido ao apertado cronograma de 18 meses exigido pelo BNH, e em parte pelas grandes demandas geradas pelo milagre brasileiro: *“as indústrias não tinham capacidade para atender às demandas e encomendas das construtoras; e os fluxos dos financiamentos da Caixa Econômica Federal também foram alterados, atrasados, pois foram maiores do que a capacidade de atendimento por parte da CEF e do BNH. O Grupo LUME moveu ações na Justiça contra o Governo e contra a Construtora, pois a obra teve que ser paralisada”*. Foi um total de três anteprojetos.

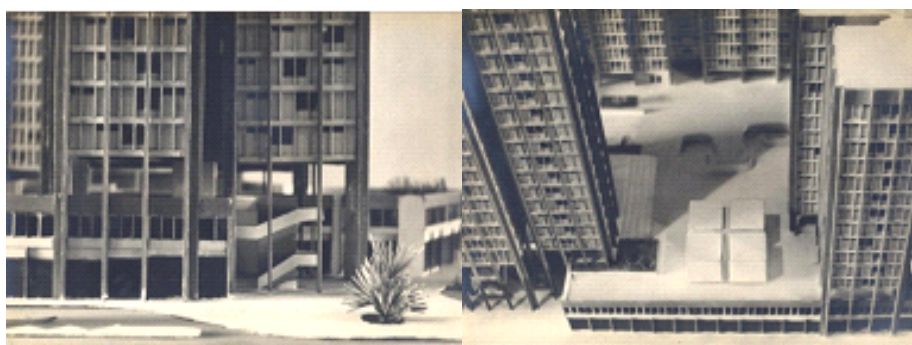
O que deveria ter sido um projeto, nas palavras de Geraldo Santana, *“um tanto sofisticado, com muito concreto de sustentação [superdimensionado], tudo brutalista [...] evoluiu para um segundo*

sistema construtivo, com elementos pré-moldados ('painéis-pilares' periféricos) de sustentação com pilares internos, lajes, caixas de elevadores, escadas e casa de máquinas em concreto aparente. Porém o uso dos “painéis-pilares” requeria que o andar fosse totalmente circundado por eles – de função estrutural – antes de ser colocada a laje do piso seguinte, e isso atrasaria bastante a obra.

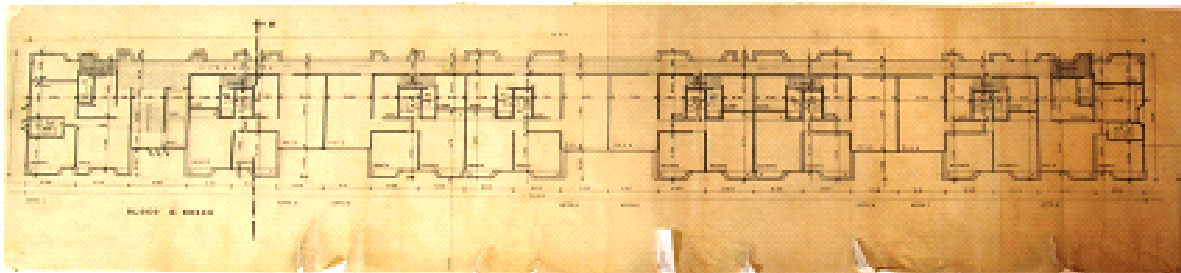
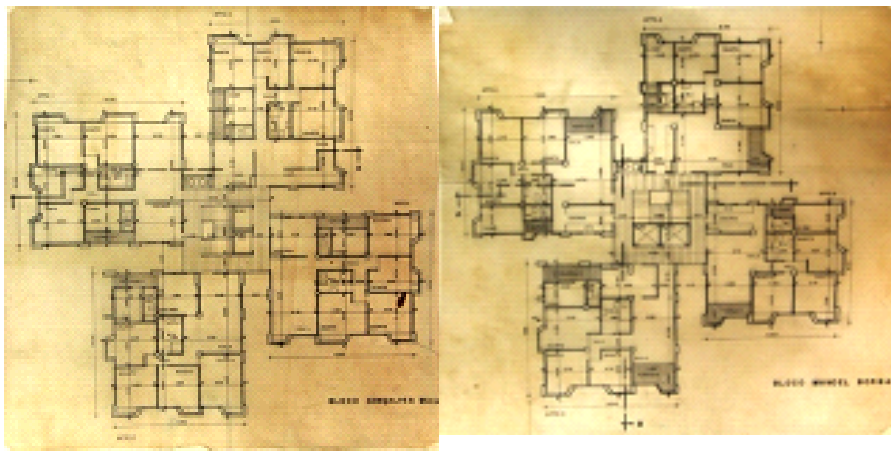
Quando a concretagem do segundo projeto já estava no andar vazado (referente ao teto da sobreloja), o Grupo entregou o terceiro e último desenho, com soluções tradicionais, moldagem in loco e paredes em alvenaria. Ainda foi proposto revestimento das paredes em pastilhas de três cores principais: azul, verde e marrom, uma para cada bloco, que formariam faixas verticais alternadas em diferentes larguras e tonalidades até se chegar ao branco. Mas as indústrias já não estavam dando conta das demandas por cimento, pastilhas ou tijolos (parte do cimento teve de ser importado da Bulgária). Então, chegou-se ao que hoje está construído: tijolo aparente, cobogós cerâmicos e pastilhas azuis no corpo central (figuras 1 e 2).



Figuras 1 e 2: Tijolo aparente e cobogós (esq.) e pastilhas azuis no corpo de circulação vertical (dir.). Foto da autora 27/05/2013.



Figuras 3 e 4: Protótipo do segundo anteprojeto feito na Moveterras, do Eng. Arlindo Pontual. Acervo pessoal de Geraldo Santana



Figuras 5, 6 e 7: Plantas dos pavimentos tipos do segundo anteprojeto. Acervo pessoal de Geraldo Santana

O conjunto possui diferentes soluções tipológicas, à maneira dos projetos de Aldo Van Eyck e Candilis (figuras 3 a 7). É formado por três blocos: um bloco em barra com oito apartamentos por andar (ligados por um único corredor), dois quartos, e dezoito pavimentos tipos – Bloco Dom Bosco; e dois blocos constituem-se cada um de quatro torres, estruturalmente independentes, interligadas por um núcleo central de circulação vertical (uma plataforma aberta) – segundo Santana, em “hélice” –, com quatro apartamentos por andar cada, o Bloco Gonçalves Maia com quatro quartos, e doze pavimentos tipos, e o Bloco Manoel Borba com três quartos, e vinte e um pavimentos tipos.

O corredor lateral do Bloco Dom Bosco, estabelecendo um contato com o exterior, configura-se como uma crítica ao corredor central da *Unité d'Habitation*. Essas ruas de distribuição não se limitam à uma simples funcionalidade, pretendem criar espaços de convívio, de encontro.

A quantidade de blocos desse empreendimento foi definida pelo empresário Lynaldo Medeiros, da incorporadora LUME. Em lugar de desmembrar o terreno onde caberiam quatro ou cinco condomínios independentes, Medeiros optou por fazer um complexo de três blocos fisicamente integrados por outro bloco horizontal – com dois pisos comerciais e de estacionamento e um vazado (figura 8). Nesse empreendimento, de cerca de 45mil m², os arquitetos separam as circulações: pedestres, carros, proporcionando espaços de praças e passeios. Essas soluções buscam reencontrar o lugar do indivíduo na cidade. Como em *Toulouse Le Mirail* (1961), de

Candilis, onde esses espaços são sempre abertos. Na ocasião de sua visita a Toulouse Le Mirail, em 1982, pronunciou: *“Je fais une maison où l'homme va rire... au moins sourire”*. (Le Corbusier).

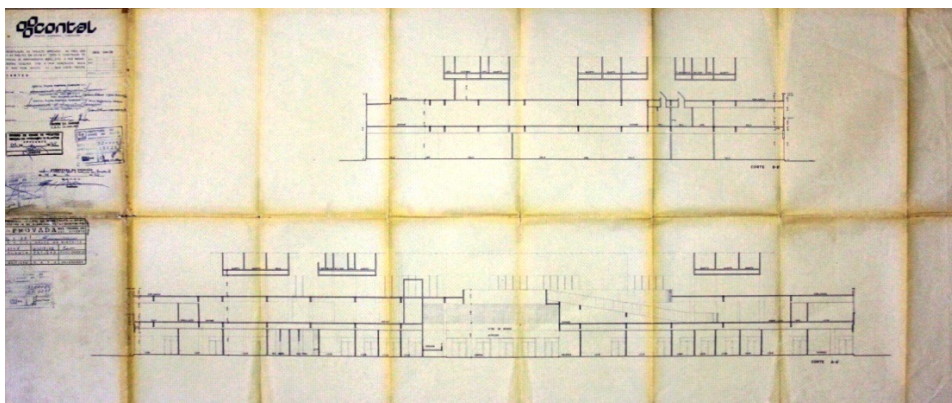


Figura 8: Prancha de cortes longitudinal e transversal do bloco horizontal. Acervo Dircon.

Geraldo Santana tomou partido do uso da planta “hélice” na solução adotada pelos arquitetos Sérgio Sousa Lima e Mayume Sousa Lima – ex-alunos de Artigas –, nos edifícios residenciais da Unidade Vizinhança São Miguel, nos tempos de mestrado na UnB (figuras 9 e 10). A planta dos blocos Gonçalves Maia e Manoel Borba é, nas palavras de Santana, uma “evolução”: *“[Ambas se constituem de] um núcleo [de circulação vertical] com quatro apartamentos. As torres de Brasília são simétricas, essas têm defasagem como se fosse uma hélice. Fizemos um deslocamento para melhorar a resolução do acesso de serviço – tem acesso de serviço e social”*. Desses dois blocos, além dos apartamentos da lâmina não serem conjugados, o que possibilita maior privacidade, os apartamentos voltados para oeste possuem plantas diferenciadas para evitar que suas respectivas salas ficassem para o poente, mostrando a preocupação de Santana e Grupo com as questões de conforto ambiental.

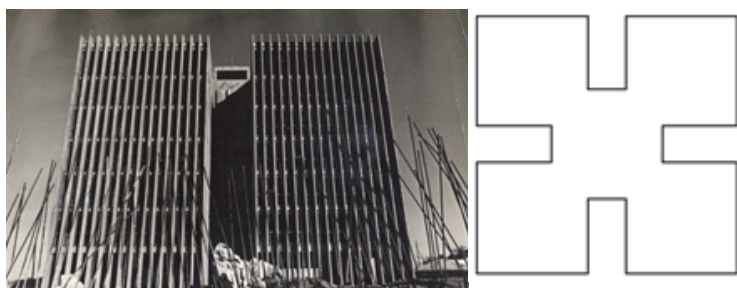
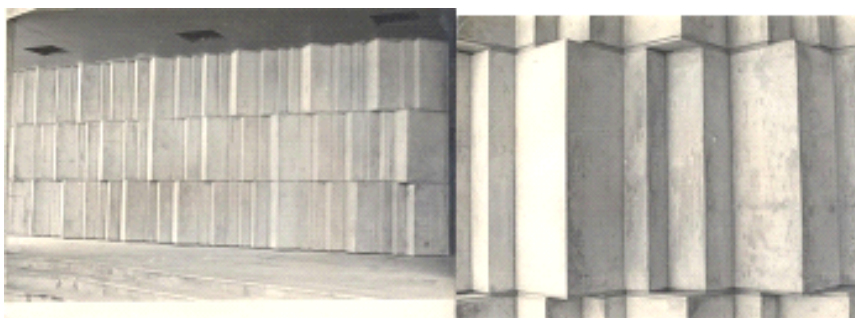


Figura 9 (esq.): Edifício residencial projetado por Sérgio e Mayume Sousa Lima. Acervo pessoal de Geraldo Santana. Figura 10 (dir): Esboço feito pela autora do contorno da planta do Residencial projetado por Sérgio e Mayume.



Figura 11 (esq.): Estrutura aparente, painel ao fundo e desenho da calçada. Acervo pessoal de Geraldo Santana. Figura 12 (dir.): Brises do Bloco Gonçalves Maia. Foto Mariama Morais 27/05/2013.

Nos blocos Manoel Borba e Gonçalves Maia, a preocupação com a estrutura aparente e o conforto ambiental se refletem nos grandes brises instalados entre os pilares estruturais nas entradas dos edifícios, criando uma área aberta e protegida de pé direito triplo (cerca de 10m) (figuras 11 e 12). No Gonçalves Maia é possível ver o painel desenhado por Geraldo Santana, o qual usou três prismas triangulares com medidas geradas a partir do uso da Sequência de Fibonacci (figuras 13 e 14). Outro detalhe a ser considerado é o desenho das calçadas em pedra portuguesa feito por Geraldo Santana.



Figuras 13 e 14: Painel desenhado por Santana no Bloco Gonçalves Maia. Acervo pessoal de Geraldo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ir, vir e voltar dos três arquitetos e a circulação de ideais advindas desse movimento expressa algumas das conexões brutalistas presentes em Pernambuco das quais o Parque Boa Vista é testemunho.

O Parque Residencial da Boa Vista, que antes se tratava de uma construção inovadora, carregada de preceitos modernos de brutalismo e megaestrutura, terminou por ser construída de maneira tradicional, sem superdimensionamentos, sem maiores aspirações. Pelas questões já citadas de disponibilidade de tempo, matéria prima e novas tecnologias, o seu bloco comum não foi completado e a obra nunca se constituiu de um empreendimento misto, como o era no papel –

tornou-se apenas residencial. Inacabado e bastante modificado, quem souber olhar com devida atenção, pode perceber que “o Boa Vista” representa de maneira direta e crua o momento em que foi construído: ele carrega o paradoxo do fim do período do milagre brasileiro onde os anseios por um país desenvolvido tornaram-se vontades frustradas. Quando foram reunidos preceitos de racionalização e economia da construção, pré-fabricação, conforto ambiental, brutalismo e megaestrutura, tão caros à época, representam os ideais e os fracassos do período. O Parque Residencial de Boa Vista que no papel, seria uso misto constituído de três torres residenciais conectadas por um bloco horizontal de comércio e estacionamento, nunca foi totalmente finalizado, seu bloco comum não foi completado e a obra nunca se constituiu de um empreendimento misto, como o era na prancheta – tornou-se apenas residencial. Quem souber olhar com devida atenção, pode perceber que “o Boa Vista” representa de maneira direta e crua o momento em que foi construído: ele carrega o paradoxo do fim do período do milagre brasileiro onde os anseios por um país desenvolvido tornaram-se vontades frustradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Luiz. Arquitetura-Pernambuco In: **Pernambuco 5 décadas de Arte**. Coord. André Rosemberg. Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda., 2003. 224p. pp.59-125.

_____. Todos Juntos para o Céu In: **Pernambuco 5 décadas de Arte**. Coord. André Rosemberg. Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda., 2003.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. **Team 10 Arquitetura como crítica**. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 2002.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Ed. Perspectiva/FAPSEP, 2003.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CALDAS, Renata Maria Vieira. **Arquitetura Industrial em Recife: uma face da modernidade**. Recife, 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. CAC.

CANTALICE II, Aristóteles. **Um Brutalismo Suave: traços da arquitetura em Pernambuco (1965-1980)**. Dissertação de mestrado. Recife: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco – MDU/UFPE, 2009.

CAMPELLO, Glauco. Nota Biográfica. Disponível em: <<http://www.glaucocampello.com.br/artigo/115,43>> Acesso em 25/01/2013.

DA SILVA, Marcos Solon Kretli. **Redescobrimo a arquitetura do Archigram**. São Paulo: Vitruvius, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/585>> Acesso em 06/08/2013.

LIMA, Daniele Abreu e. **Armando Holanda. Recife**, 1997. Trabalho de Graduação, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco. mimeo.

MARQUES, Sonia & NASLAVSKY, Guilah. **Eu vi o modernismo nascer...e ele começou no Recife**. In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade**. 1º ed. Recife: FASA, 2007, pp. 81-105.

_____. **Arquitetura Moderna**. In: Edileusa da Rocha (Org.). **Guia do Recife: Arquitetura e Paisagismo**. Recife: Ed. dos Autores, 2004.

MARQUES, Sonia Maria da Cunha. arquiteta e ex-aluna de Amorim (entrevista em 04/07/2003 por Guilah Naslavsky)

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim**, (2004), 270p. Tese (Doutorado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo (2004).

ROSEMBERG, André. Artes Plásticas-Pernambuco In: **Pernambuco 5 décadas de Arte**. Coord. André Rosemberg. Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda., 2003.

SANTANA, G. **Os Arquitetos nos Últimos 40 anos**: depoimento. [20 de Junho de 2002]. Recife: II Simpósio OBSERVA NORDESTE. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=514%3Aos-arquitetos-nos-ultimos-40-anos&catid=58&Itemid=414> Acesso em 08/05/2013.

_____. **Geraldo Santana: Notas biográficas para uma auto-apresentação**. Recife, Agosto, 2010.

_____. **Informações biográficas, e sobre Pernambuco e Brasília nas décadas de 60 e 70**. 2013. Recife. Entrevista concedida a autora, Guilah Naslavsky e Adriana Freire. Recife, 27 de Junho de 2013.

_____. **Informações biográficas**. 2013. Entrevista concedida a autora e Guilah Naslavsky. Recife, 08 e 15 de Julho de 2013.

SILVA, Geraldo Gomes da. Armando Holanda: Arquiteto dos Alegres Trópicos. **Arquitetura e Urbanismo**. nº 69. dez.96 /jan. 97. pp.65-71.

SOUZA, Diego Beja Inglez de. **Reconstruindo Cajueiro Seco: Arquitetura, Política Social e Cultura Popular e Pernambuco (1960-1964)**. São Paulo, 2008. 276p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. **Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006> Acesso em 19/07/2013.